



# Português como Língua Estrangeira: múltiplos olhares

Cora Elena Gonzalo Zambrano<sup>1</sup>

[coragonzalo@gmail.com](mailto:coragonzalo@gmail.com)

Fabricao Paiva Mota<sup>2</sup>

[fabricao@yahoo.com.br](mailto:fabricao@yahoo.com.br)

Marcus Vinícius da Silva<sup>3</sup>

[marcus.silva@ufr.br](mailto:marcus.silva@ufr.br)

(Org.)

A área de estudo de Língua Portuguesa em perspectiva não materna volta a ganhar destaque no Brasil a partir de 2010, aproximadamente, em virtude dos processos de globalização, da consolidação de blocos econômicos, da internacionalização universitária no âmbito brasileiro e, mais recentemente, devido às migrações contemporâneas, o que tem impulsionado pesquisas no âmbito dos estudos da linguagem para o ensino de português como língua não materna, bem como investimentos para criação de políticas linguísticas internacionais do português brasileiro voltadas ao público estrangeiro.

A nomenclatura mais usual para se referir ao campo de ensino e pesquisa em Português como Língua não Materna (PLNM), no Brasil, tem sido a de Português como

---

<sup>1</sup> Professora do Curso de Letras da Universidade Estadual de Roraima. Doutora em Estudos Linguísticos (UFMG). ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-7617-2704>.

<sup>2</sup> Professor do Curso de Letras e do Programa de Pós-graduação em Letras da Universidade Federal de Roraima. Realiza estágio pós-doutoral no Programa de Pós-graduação em Linguística da Universidade Federal do Ceará. Doutor em Linguística e Língua Portuguesa (Unesp/Araraquara). ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-5136-8222>.

<sup>3</sup> Professor de Língua Portuguesa e Espanhola do Colégio de Aplicação da Universidade Federal de Roraima. Doutorando em Linguística e Língua Portuguesa (Unesp/Araraquara). ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-3907-3277>.

Língua Estrangeira (PLE) devido a sua abrangência teórico-metodológica. No entanto, existem outros termos que vêm ganhando força dada as suas especificações teóricas e analíticas, tais como: Português para Falantes de Outras Línguas (PFOL), Português como Língua Adicional (PLA) e Português como Segunda Língua (PL2). Além disso, há também as subáreas como: o Português como Língua de Herança (PLH) e o Português como Língua de Acolhimento (PLAc).

De acordo com Almeida Filho (2002), a língua estrangeira (LE) equivale a uma língua com outra cultura, de um país estrangeiro; língua que o falante manifesta interesse em estudar, formalmente. Já a segunda língua (L2) é aquela diferente da materna, que circula com função social e política no país de residência do aprendiz e pode ser adquirida informalmente.

Dessa forma, existem diferenças entre os efeitos de sentido trazidos pelos termos PLE e PL2. O PLE é um conceito mais limitado ao falante estrangeiro, não inclui surdos ou indígenas brasileiros, por exemplo. O PL2 pode ser utilizado para a aquisição ou aprendizagem de português por surdos, indígenas e por migrantes ou moradores de regiões fronteiriças nas quais o contato linguístico é mais intenso devido à mobilidade entre os países.

Paralelamente a essas duas nomenclaturas, há o surgimento do termo PLA, oriundo de discussões mais recentes da Linguística Aplicada (LA), utilizado de forma mais neutra e abrangente, já que contempla o ensino-aprendizagem de português tanto para estrangeiros, em outros países, quanto para estudantes internacionais e migrantes no Brasil. Da mesma forma, o PLA inclui os contextos de ensino de língua portuguesa para as comunidades surda e indígena. O termo Língua Adicional apresenta a ideia de acréscimo e acaba com a dicotomia entre o nativo e o estrangeiro, a primeira e a segunda língua, pressupondo a convivência pacífica entre os repertórios linguísticos (RAMOS, 2021).

Na esteira desses apontamentos, a subárea de PLH vem ganhando espaço e interesse de governos e de instituições públicas e privadas, de diferentes países, embora ainda sejam bastante incipientes as ações de política linguística internacionais

realizadas no âmbito do português brasileiro, principalmente, por autoridades brasileiras.

Para Moroni e Gomes (2015), a língua de herança (LH) é a nomenclatura utilizada para definir uma língua que é utilizada diferentemente da língua dominante da sociedade local, ou seja, é uma língua utilizada em um ambiente doméstico e familiar que está repleta de história e significados, não sendo a língua de comunicação oficial e nem de ensino formal daquele determinado país estrangeiro. É relevante trazer à tona uma definição mais ampla de LH cunhada por Van Deusen-Scholl (2003, p. 221), “para quem os falantes de herança são um grupo heterogêneo que abarca desde nativos fluentes a não-falantes, os quais poderão estar a gerações de distância do familiar emigrante, mas que se sentem culturalmente ligados à língua.”.

Posto isso, o PHL tem como características principais o ensino do português em contextos em que a relação língua-cultura são ensinados a filhos de luso-falantes imigrados que residem temporariamente ou de forma permanente em diferentes partes do mundo. Segundo Mendes (2012, p.219), infelizmente, as principais ações de promoção para o ensino de português nesse contexto específico “têm sido de responsabilidade da sociedade civil, ou seja, dos imigrantes brasileiros que são pais e mães preocupados em deixar o seu legado linguístico e cultural para seus filhos. Eles foram os propulsores do movimento que parece, agora, mobilizar governantes e instituições brasileiras”.

Já a subárea de ensino e pesquisa denominada PLAc advém do campo de estudo em PLA e destina-se ao ensino-aprendizagem de português como língua de acolhida em contextos migratórios, destinado a pessoas em situação de refúgio e a migrantes forçados (REYNOLDS, 2017) que se encontram em condição de vulnerabilidade (SENE, 2017).

O termo PLAC foi cunhado em Portugal e tornou-se referência para pesquisadores brasileiros, tendo em vista que o Brasil passou a receber migrantes de diversos países com problemáticas de cunho político, social e/ou vítimas de desastres naturais. Entretanto, pesquisas mais recentes desenvolvidas em território brasileiro (LOPEZ, 2018; ANUNCIAÇÃO, 2018, MIRANDA; LOPEZ, 2019, ZAMBRANO, 2021) vêm ressignificando o PLAc de acordo com a realidade local, com a finalidade de evitar a

reprodução das relações de poder marcadas pelas políticas migratórias dos Estados-Nação, nas quais a inserção do migrante na sociedade depende do seu domínio da língua nacional.

No que tange ao crescimento do campo de investigação e atuação nos estudos linguísticos brasileiros, Almeida Filho (2005) discorre que a instalação do Ensino de Português como Língua Estrangeira (PLE) no Brasil aconteceu aos poucos, com o objetivo de atender “[...] à demanda espontânea desde os anos 50 e muitas vezes por iniciativa de indivíduos com visão estratégica, mesmo à revelia de uma política deliberada oficial do governo brasileiro e das instituições” (ALMEIDA FILHO, 2005, p. 16).

Na década de 1960 e 1970 apenas havia cursos de PLE nas principais cidades brasileiras. No entanto, hoje há muitas universidades que oferecem ensino regular de português para falantes de outras línguas em todas as regiões do país (ALMEIDA FILHO, 2007).

Para Bizon e Diniz (2018), nas últimas décadas surgiram políticas de expansão para o ensino de língua portuguesa, embora de forma descontínua. A consolidação do Certificado de Proficiência em Língua Portuguesa para Estrangeiros (CELPE-BRAS) é uma dessas políticas. Outra política de expansão linguística é a criação do Programa Idioma sem Fronteiras, e a inclusão da língua portuguesa também foi uma ação de política linguística importante nesse cenário.

Cabe mencionar, também, a implementação de licenciaturas específicas em PLE/PL2 em algumas Instituições de Ensino Superior; a criação de disciplinas na graduação e na pós-graduação; a implementação de mais projetos de extensão tanto para o ensino de português, quanto para a capacitação de professores; e a produção de material didático para contextos específicos de ensino de português, como português para falantes de espanhol e português como língua de acolhimento, entre outras políticas que têm sido desenvolvidas no âmbito brasileiro.

Portanto, considerando a importância dessa área cada vez mais consolidada no meio acadêmico, este volume temático abriga diversas abordagens e perspectivas teóricas com o propósito de ampliar os espaços de debate e visibilizar ainda mais as

pesquisas. Dessa forma, a chamada temática **Português como Língua Estrangeira: múltiplos olhares** traz 10 artigos, uma resenha e uma entrevista.

Assim, convidamos aos leitores a mergulhar na diversidade de visões, de campos de pesquisa e de práticas pedagógicas da língua portuguesa como estrangeira, segunda língua, adicional, língua não materna e de acolhimento. Além disso, apresentamos 04 trabalhos com temáticas fora do escopo proposto, inseridos em uma seção separada.

Com a finalidade de romper com os paradigmas tradicionais enraizados no ensino de línguas adicionais, o que inclui também o ensino de Português como Língua Adicional, onde frequentemente o componente sociocultural nem sempre é posto em relevo, visto que muitas vezes ele ocupa o papel secundário na aula de ensino de língua (SERRANI, 2005), nós, organizadores desta chamada temática, decidimos iniciar com artigos que dão ênfase nos aspectos socioculturais no ensino de português, em diferentes vertentes teóricas e epistemológicas e, posteriormente, apresentamos os artigos com foco no funcionamento da língua portuguesa.

O artigo que abre esta edição da Revista Diálogos é “*A cultura no ensino de português como língua estrangeira por meio de culturemas*”, de autoria de Sarah Elizabeth de M. Teixeira. A proposta é refletir sobre a utilização de culturemas durante as aulas de português como língua estrangeira (PLE), com o objetivo de despertar maior interesse no aprendizado, estimulando a aceitação das diferenças e a valorização das culturas da língua fonte e da língua meta.

O artigo “*Na culinária nos encontramos: um estudo sobre interculturalidade, acolhimento e pertencimento no âmbito do PEC-G*” é a segunda pesquisa apresentada neste volume. Júlio Marques faz uma análise dos diálogos existentes na alimentação, vista como fator essencial para o processo de socialização de sujeitos migrantes. O autor destaca o processo de reterritorialização e de reinserção dessas pessoas no Brasil por meio de espaços partilhados de preparo e consumo de pratos típicos dos países de origem, construindo momentos de diálogos interculturais.

Eliane Vitorino de Moura Oliveira produziu o artigo “O portal do Professor de Português Língua Estrangeira / Língua Não Materna (PPPPE): didatização de vozes e culturas”, cujo objetivo foi analisar o papel das unidades didáticas disponíveis no Portal

do professor de PLE/PLNM. A autora aponta que tais unidades são importantes para a interculturalidade, embora algumas estejam fora da proposta de ensino do portal.

O artigo intitulado “Português como língua estrangeira (PLE) - papel de fundo para a análise da construção identitária de imigrantes venezuelanos”, escrito por Rouse Karoline Coelho Duarte Santos e Maria D`Ajuda Alomba Ribeiro, aborda a língua, a cultura e a identidade de sujeitos migrantes em Roraima. O objetivo é compreender como o ensino de PLE/PLAc contribui para a construção identitária e a integração desses migrantes na sociedade em questão.

Jefferson Evaristo e Antônio José da Silva investigaram a articulação entre as pesquisas da Pós-Graduação e a realidade escolar da cidade de Manaus, debatendo a questão do fluxo migratório para a região norte do país. A pesquisa deu origem ao artigo “PLNM para a educação básica: o estado da arte do caso Manaus”, cujos resultados apontam o descompasso entre as demandas da sociedade e os interesses da pós-graduação.

O texto “Português Língua Estrangeira na China: do ensino remoto ao presencial”, de Manuel Duarte João Pires, aborda a transição do ensino remoto emergencial para a modalidade presencial em aulas de PLE em uma universidade da China. O autor destacou as contribuições do ensino remoto para o presencial, como o uso de aplicativos e plataformas que complementam as aulas presenciais, desde o planejamento até a realização de atividades dentro e fora da sala.

O artigo intitulado “A Aquisição do Português Brasileiro por falantes nativos de outras línguas: pesquisas recentes sobre aquisição fonético-fonológica a partir da sociolinguística” apresenta um levantamento bibliográfico do tema em questão com exemplos de aquisição do português por falantes de francês, espanhol e inglês. Juliana Barbosa defende a expansão de pesquisas linguísticas em direção aos aspectos culturais, sendo capazes de abordar os impactos sociais do processo de aquisição. Nesse sentido, a autora lança o desafio de desenvolver estratégias de experimentação e análise voltadas para aspectos sociais e afetivos da aquisição da linguagem.

Luciana Pilatti Telles e Luciene Bassols Brisolara propõem o desenvolvimento de atividades de produção e percepção de vogais médias-baixas na aprendizagem de PLA. O artigo “Práticas de percepção e produção de vogais médias do Português

Brasileiro em cursos de português para falantes de espanhol” leva em consideração o modelo de aprendizagem de fala e o ensino de línguas baseado em tarefas, com destaque para as semelhanças e diferenças do sistema vocálico da língua portuguesa e da língua espanhola.

O último artigo desta chamada temática intitula-se “A interferência linguística do tipo mudança de gênero em redações de venezuelanos aprendizes de português”. É um recorte da tese de doutorado de Fabricio Paiva Mota (2020), na qual o autor analisa as interferências linguísticas de mudança de gênero em produções textuais de venezuelanos participantes de um curso de português na fronteira do Brasil com a Venezuela.

Esta edição conta com a resenha de “Estudos em português como língua estrangeira: pesquisa e prática” feita por Valéria Zanetti Ney, bem como uma entrevista realizada pelos organizadores, Cora Elena, Fabricio e Marcus Vinícius, com a professora doutora Nildiceia Rocha da Unesp/Araraquara. A entrevista traça um panorama dos estudos de Português para Estrangeiros e dos desafios no ensino e na aprendizagem da Língua Portuguesa, sobretudo com as demandas crescentes de migração.

Na seção *Caderno Artigos Livres*, temos o artigo “A criança bi e multilíngue – Ultrapassando mitos e obstáculos. Uma breve síntese sobre o bilinguismo” de Miriam Akioma e Ana Margarida Belém Nunes, na qual as autoras fazem uma revisão de literatura sobre bilinguismo. Os resultados parciais apontam para um sentimento de pertencimento a um grupo social bem como receios e incertezas dos pais no que tange à educação bilíngue.

Em “Semelhança Estilística entre Guimarães Rosa e Mia Couto”, Aldeci Nardes Silva analisa o aspecto verbal nas obras *Buriti*, de Guimarães Rosa, e *Um rio chamado tempo, uma casa chamada terra*, de Mia Couto. A autora conclui que os escritores em questão têm estilo semelhante no que se refere à manipulação dos verbos e de suas flexões.

Paul O’Neill e Gladis Massini-Cagliari fazem uma distinção entre o preconceito e a discriminação em relação a línguas diferentes e seus falantes e a diferentes variedades não padronizadas da mesma língua e seus falantes no artigo “A

discriminação e o preconceito linguístico no português brasileiro e outras línguas: sugestões e recomendações”. Os autores sugerem uma série de recomendações para combater mais eficazmente o preconceito linguístico.

O último artigo, “A corporeidade na poesia de Al Berto: pele-memória, escrita e errância urbana”, de autoria de Rodrigo da Costa Araujo e de Fabiano Tadeu Grazioli, cujo objetivo é perceber a poética de Al Berto em sua corporeidade, lirismo e homoerotismo.

Por fim, gostaríamos de agradecer a todos os autores que enviaram trabalhos a essa chamada temática, aos pareceristas que estiveram envolvidos no processo de análise e revisão dos textos e à comissão editorial da revista por nos abrir este importante espaço.

## Referências

ALMEIDA FILHO, J. C. P. O ensino de português como língua não-materna: concepções e contextos de ensino. **Museu da língua portuguesa**, Estação da Luz, 2005.

\_\_\_\_\_, J. C. P. Índices nacionais de desenvolvimento do ensino de português Língua Estrangeira. In CUNHA, C. M. J. e ALMEIDA FILHO, J. C. P. **Projetos iniciais em português para falantes de outras línguas**. Brasília, DF: EdUnB. Campinas, Sp: Pontes Editores, 2007. p. 39-55.

ANUNCIACÃO, R. F. M. A língua que acolhe pode silenciar? Reflexões sobre o conceito Português como Língua de Acolhimento. **Revista X**, Curitiba, v. 13, n. 1, p. 35-36, 2018. Disponível em: <<https://revistas.ufpr.br/revistax/article/view/60341/36627>>.

BIZON, A. C. C.; DINIZ, L. R. A. Apresentação. Dossiê Especial: Português como Língua Adicional em contextos de minorias: (co)construindo sentidos a partir das margens, **Revista X**, Curitiba, v. 13, n. 1, p.9-34, 2018. Disponível em: <https://revistas.ufpr.br/revistax/article/view/61248/36626> Acesso em: 13 dez. 2021.

LOPEZ, A. P. A aprendizagem de Português por imigrantes deslocados forçados: uma obrigação? **Revista X**, Curitiba, v. 13, n. 1, p.9-34, 2018. Disponível em: <<https://revistas.ufpr.br/revistax/article/view/60301/36623>> . Acesso em: 20 jun. 2021.

MENDES, Edleise. Vidas em português: perspectivas culturais e identitárias em contexto de português língua de herança. **Revista do Instituto Internacional da Língua Portuguesa**, IILP, Cabo Verde, 2012.



MORONI, Andreia; GOMES, Azevedo Juliana. O Português como Língua de Herança hoje e o trabalho da Associação de Pais de Brasileirinhos na Catalunha. *Rev. Revista de Estudios Brasileños*, I Primer semestre, volumen 2 - número 2, p. 21-35, 2015.

MIRANDA, Y. C.; LOPEZ, A. P. Considerações sobre a formação de professores no contexto de ensino de português como língua de acolhimento. In: FERREIRA, L. C. et al. (orgs). **Língua de Acolhimento: experiências no Brasil e no mundo**. Mosaico Produção Editorial: Belo Horizonte, 2019, p. 17-40.

RAMOS, A. A.. **Língua adicional: um conceito “guarda-chuva”**. *Revista Brasileira De Linguística Antropológica*, 13(01), 2021. Disponível em: <https://periodicos.unb.br/index.php/ling/article/view/37207>. Acesso em: 10 nov. 2021.

REYNOLDS, J. Migração Forçada. In CAVALCANTI, L. et al (org). **Dicionário crítico de migrações internacionais**. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2017.

SENE, L. S. **Objetivos e materialidades no ensino de português como língua de acolhimento: um estudo de caso**. Dissertação de mestrado Universidade de Brasília. Brasília, 2017.

SERRANI, Silvana. **Discurso e Cultura na Aula de Língua – currículo, leitura, escrita**. Campinas, SP: Pontes, 2005.

VAN DEUSEN-SCHOLL, N. Towards a Definition of Heritage Language: Sociopolitical and Pedagogical Considerations. **Journal of Language, Identity, and Education**, 2(3), 211- 230.2003.

ZAMBRANO, C. E. G. PLAc como transgressão: letramentos sociais e prática educativa-reflexiva. In: SOUZA, R. F.; COURA-SOBRINHO, J.; DINIZ, M. B. N. P (Orgs). **Português como língua de acolhimento: práticas e perspectiva**, 1. ed. - São Paulo: Parábola, 2021.